SÔBRE O CONCEITO DE ACIDENTE HISTÓRICO EM ANTROPOLOGIA CULTURAL

FLORIVAL SERAINE

"To reduce anthropology to history, or to separate it from history, is to impoverish it": (David Bidney).

À investigação cultural importa, sem dúvida, o conceito de acidente histórico. Entretanto, para que o mesmo logre significado metodológico, mistér se faz que a sua órbita semântica não ultrapasse certos limites, que só poderão ser traçados através de um conhecimento amplo e minucioso da realidade sócio-cultural, histórica. Em outros têrmos, trata-se de um conceito que deve ser manejado com tôda a precisão e rigor significativos, com uma bem determinada especificação do seu conteúdo ou particularização de sentido, a fim de evitar que, projetado no campo da investigação cultural, se dilua ou se torne por demais elástico, ao ponto de se confundir com outros conceitos afins e até mesmo com o de fato ou acontecimento histórico, que se deve reconhecer aqui como de expressão genérica.

Vê-se, pois, que o nosso objetivo central é examinar a validade eurística do conceito, sua eficácia operativa, quando se trata de analisar e explicar a marcha ou dinâmica do processo cultural, para — o que é de suma importância — poder-se chegar a compreender a apresentação atual de certos fenômenos e até mesmo de segmentos ou aspectos de uma cultura na funcionalidade sincrônica.

Voltaremos, a propósito, com certo detalhe, linhas adiante. Mas procuremos esclarecer o sentido em que é geralmente tomada a expressão no domínio do estudo cultural.

Antes do mais, acentuaremos que o conceito de **acidente histórico** tem sido, de ordinário, considerado em face do de **tendência cultural**. Sua compreensão é relativa a dêste outro e não poderá ser alcançada integralmente sem um confronto das referências mentais constitutivas, das notas objetivas que atribuem os estudiosos da cultura a cada um dêles.

Em verdade, ambos são conceitos cuja expressão reflete o dinamismo e a mudança culturais. Portanto — nesse sentido, que é, aliás, inerente ao próprio conceito de cultura enquanto expressão de realidade vital — não podem ser considerados conceitos polares ou mesmo contraditórios; são apenas conceitos que se opõem ontològicamente sob a perspectiva do investigador, interessado em distinguir e contrastar, com objetivos metodológicos, as modalidades factuais, as condições dinâmicas em que se efetuam ambos os processos no conti-

nuum heterogêneo e uno da realidade cultural — histórica. Evidentemente, não expressam oposições tão marcadas, como a que se destaca, por exemplo, dos conceitos de **estabilidade** e **mudança** culturais, embora entre êstes, no plano da investigação, deva existir uma relação de interdependência com interêsse fundamental.

Em síntese, esclarecemos que, enquanto o **acidente histórico** concerne às mudanças que decorrem de acontecimentos surgidos de modo inopinado, fora de todo seguimento ou continuidade previstos, quer do exterior, quer do seio da própria cultura, a **tendência cultural** diz respeito a modificações menores que alteram o caráter e a forma de um modo de vida, mas em que a continuidade dos acontecimentos é manifesta.

Convém observar que o significado antropológico dessa expressão decorre da extensão do sentido de uma outra, anterior, elaborada por Sapir (1) — o de **tendência lingüística** — que, aliás, nem sempre tem merecido a aprovação dos estudiosos, propensos a encontrar no seu conteúdo semântico implicações elvadas de misticismo, isto é, que não se ajustam perfeitamente às exigências objetivas do pensamento científico.

Com êsses antecedentes conceptuais, a **tendência lingüística** abrange as mudanças decorrentes do acúmulo de pequenas variações ocorridas em determinada direção, e que depois de certo período de tempo acarretam modificações culturais quase imperceptíveis à sucessão dos fatos quotidianos. A nosso ver, cabe-nos, porém, estabelecer, o quanto antes, as diferentes categorias epistêmicas de fenômenos que ocorrem, quando se trata de um **acidente histórico**.

Consideramos três ordens de objetos-temas, que, no caso, devem ser distinguidos: 1.º — o acontecimento ou fato histórico pròpriamente dito, surgido de forma imprevista, inesperada, a ocasionar, ou não, alterações no contexto sócio-cultural; 2.º — os elementos, traços ou complexos culturais que dêle promanam ou que êle conduz, e que a sociedade receptora, seletivamente, aproveita e inclui no seu quadro cultural, bem assim, aquêles elementos ou instituições que, em conseqüência ou em vista da ocorrência histórica, são eliminados bruscamente; 3.º — as modificações operadas no sistema de crenças e comportamentos próprios à cultura em foco, ocasionados mediata ou imediatamente, próxima ou longinqüamente, direta ou indiretamente, pela introdução ou supressão dos traços ou complexos aludidos.

O conceito só importará verdadeiramente para a investigação se fôr estabelecida essa distinção empírica básica, que, não obstante, se torna às vêzes difícil de ser realizada, exigindo certa perspicácia e capacidade discriminadora, mòrmente em relação aos casos de inventos ou descobertas, que nem sempre será fácil de distinguir por completo das inovações oriundas de simples **tendências culturais**.

Poderemos, assim, acrescentar que três planos científicos ou teoréticos deverão ajustar-se no estudo de acidentes históricos encarados em sua visão global, a saber, o da História, o da Etnologia e o da Antropologia Social ou Sócio-Cultural.

Se o conceito de **acidente histórico** — como já se tem acentuado — «não possui matiz qualitativo e não postula a questão das causas, reconhecendo mesmo fatores múltiplos que possam servir de causa», o certo é que para adquirir o mesmo validade eurística ou importância metodológica terá de ser considerado em atenção à perspectiva do investigador, interessado por determinada sociedade ou cultura, em que — é mistér notar-se — buscará especialmente a reiteratividade e a regularidade dos fenômenos sócio-culturais.

---

1) SAPIR E. — «Language» — Nova York, 1921 — V. o capítulo VII — sôbre a evolução lingüística.

Quando o acidente histórico ocorreu no seio da própria cultura e se relaciona a um invento ou descoberta, a localização espacial ou geográfica do acontecimento, evidentemente, não encontrará alternativa capaz de complicar a marcha da investigação, quanto a seus resultados positivos. Entretanto, quando se trata de elementos culturais, vindos do exterior, o problema poderá suscitar, algumas vêzes, interpretações variáveis, sobretudo nos casos de contactos culturais, mais ou menos prolongados, contínuos e diretos, ou seja, quando se processa «transculturação».

Sem dúvida, a chegada dos europeus à América e seus contactos culturais com os indígenas pode ser considerada pelo investigador como o acidente histórico inicial, que deu origem a importantes modificações nos padrões culturais preexistentes. Mas a quantidade de empréstimos culturais indígenas que determinaram mudanças em aspectos da cultura européia a partir do século XVI foi bastante significativa, ao ponto de um estudioso observar que o nível de vida europeu só começou a elevar-se em seguida ao contacto com as Américas.

É óbvio que os juízos de valor formulados aqui como base de conceituação imprimirão sentido peculiar à perspectiva do analista cultural.

Ao contrário do que sucede em geral, no tocante às **tendências culturais**, que se constituem progressivamente, nos casos de **acidente histórico** os fenômenos se acham, não raro, ao alcance da percepção dos membros da sociedade em que êles se verificam. Quando nada, o evento, o empréstimo, a invenção, pela maneira inesperada e brusca com que aparecem, se tornam ressaltantes, facultando ao investigador a possibilidade de seguir com relativo desembaraço as modificações por êles operadas no processo sócio-cultural, as quais, por vêzes, atingem os mais variados aspectos. E são estas conseqüências, estas mudanças, que decorrem, embora com intensidade diversa, tanto dos acidentes históricos como das tendências culturais, que têm merecido as atenções principais dos antropólogos, como objeto da sua análise científica. Façamos, contudo, incidir o nosso interêsse apreciativo sôbre as orientações metódicas que devem seguir as pesquisas em que o tema capital a investigar recaia sôbre a problemática do **acidente histórico.**

Como bem acentuou S. F. Nadel, «os acontecimentos históricos podem ocorrer ante a nossa mirada intelectual, na dimensão temporal presente, e não só no passado das culturas e das sociedades, mas são os acontecimentos do passado, que sendo, como foram, cousas acabadas, **res gestae**, e havendo tido suas conseqüências particulares, que constituem os exemplos mais típicos dos sucessos «precisamente assim» que limitam nossa busca de regularidades.» (2)

Está visto, portanto, que o **approach** histórico é, sem dúvida, necessário e constituirá mesmo a fase inicial da investigação, com a busca da documentação e o emprêgo de métodos de análise histórica da mesma, a fim de determinar os momentos e as circunstâncias históricas em que surgiram o acontecimento e/ou a série de fatos de que procedem as mudanças culturais observadas. Entram, em seguida, as tarefas próprias do etnólogo e do antropólogo social, as quais, embora não prescindindo das anteriormente citadas, constituem, em última análise, o foco de nossas cogitações científicas.

Consideradas as culturas dos pontos-de-vista do seu dinamismo e da funcionalidade que lhes são reconhecidos, como «processos padronizados» (3), poderemos examinar os **acidentes históricos** segundo métodos de investigação que

---

2) NADEL S. F. — «**The Foundations of Social Anthropology**» — Londres, 1951. Na tradução espanhola: «**Fundamentos de Antropologia Social**» — México, 1955 — pág. 25.

3) BIDNEY D. — «**Theoretical Anthropology**» — Nova York, 1960 (3.ª edição) — págs. 280, 374 e segs.

nos permitem apreciar o seu significado autêntico na moderna interpretação antropológica. Porque nosso objetivo central, de acôrdo com as últimas aquisições teóricas e metodológicas no setor da análise cultural, deverá consistir em investigar e esclarecer convenientemente, nos diferentes níveis diacrônicos, as mudanças funcionais e estruturais operadas por êsses fatores imprevisíveis, causadores de extensas, profundas e, às vêzes, dramáticas alterações no desenvolvimento histórico das culturas humanas. Tarefa, sem dúvida, bem mais difícil do que a simples investigação histórica de caráter atomístico ou a busca de reconstruções históricas baseadas em hipóteses e conjecturas, em que se excederam, às vêzes, ilustres adeptos da escola difusionista.

A carência de dados seguros sôbre o funcionamento de sociedades ou culturas em épocas pretéritas é, certamente, obstáculo de vulto a realições dêsse gênero, que deverão efetuar-se, de modo sucessivo, na «sincronia diacrônica», para usar as expressões do linguista B. E. Vidos. (4)

A reação de Malinowski e seus seguidores contra as pesquisas genealógicas, daqueles que buscam apenas ocupar-se da origem e do desenvolvimento das formas culturais, teve efetivamente o seu momento de alta expressividade no que tange ao progresso dos estudos antropológicos, foi após criticada e combatida por suas deficiências na compreensão da realidade cultural, mas fincou um marco científico que jamais será derruído em suas construções básicas. Casos como o da invenção do automóvel que — segundo frisou Herskovits — de início podem suscitar dúvidas quanto à sua caracterização como verdadeiro **acidente histórico**, pois êsse invento poderá ser concebido como a acumulação de longa série de acontecimentos mínimos, «indo desde a carruagem sem cavalo a um veículo destinado a velocidades superiores em função de princípios aerodinâmicos», a invenção do automóvel — dizíamos — acusa seu interêsse à investigação sócio-cultural, não tanto pelo utilíssimo e, sem dúvida, superior meio de transporte jue é representado pelo veículo, o novo objeto cultural, ou o fato pròpriamente histórico do seu aparecimento e da série de eventos humanos e técnicas que o determinaram, mas pelas conseqüências de vária ordem que ocasionou no modo de vida, no comportamento dos indivíduos que integram as sociedades que o incorporaram ao seu patrimônio cultural. Em suma, são as alterações de ordem econômica, do código moral, na organização interna das cidades, na própria vida familiar, etc., decorrentes dêsse maravilhoso invento, que mais devem interessar aos estudiosos da cultura, para os quais nela se percebe uma rêde de elementos funcionalmente interrelacionados. (5)

Assim, o aparecimento de quaisquer inovações advindas de acidentes históricos, aceitas e propagadas entre os membros de sociedades humanas, quer sejam os eventos de origem exterior, quer surgidos dentro da própria cultura, pouco representará na investigação antropológica, se o buscarmos examinar fora do contexto sócio-cultural, da cultura em funcionamento, olhada como um todo constituído de elementos interdependentes, sem se esquecer, todavia, que, sob o prisma ontológico, a cultura integrada é aquela em que forma e função devem estar mùtuamente adaptadas. E a grande conquista da ciência atual, o seu progresso está em haver situado o problema numa concepção «histórica» dos fenômenos culturais, em que a idéia da antinômia sincronia-diacronia deverá desaparecer, embora as técnicas de investigação para êsses dois planos ou cortes na realidade cultural divirjam por completo. «Todo estudo dos fenômenos culturais

4) VIDOS B. E. — «**Emprunt et Termes Techniques**» — In «Actas do IX Congresso Internacional de Lingüística Românica» — vol. I — Lisboa, 1961 — pág. 295.

5) HERSKOVITS M. J. — «**Man and his Works**» — Nova York, 1938 — V. o capítulo sôbre «Tendência Cultural e Acidente Histórico».

do ponto-de-vista do devenir histórico — escreve lùcidamente Guizzetti — jamais será sistemático se não fôr resultado da comparação de uma série de momentos sincrônicos sucessivos, já que êstes mostram as diversas estruturas culturais e permitem traçar as leis que sistematiza a mudança por ruptura do sistema e sua ulterior redefinição. Pràticamente o mesmo pode afirmar-se das considerações pancrônicas, que, por outra parte, são as que mais interessam ao antropólogo cultural. Com efeito, pode perfeitamente afirmar-se que um fenômeno cultural só é acabadamente conhecido quando, além de poder determinar sua relação com a cultura total (função), pode traçar-se sua história através de diversos sistemas culturais sucessivos, que hajam sofrido diversas mudanças, até concluir no sistema dentro do qual é definido o fato cultural em apreço. Sem embargo, esta explicação pancrônica não poderá dar-se senão uma vez estabelecidas a sincronia e a diacronia». (6)

No campo da Lingüística, as idéias de **sistematização** e **sistematicidade**, segundo foram elaboradas por Coseriu (7), refletem o mesmo sentido fundamental dessas considerações que, no plano metodológico, se nos apresentam ali mais fàcilmente realizáveis do que no domínio sócio-cultural **latu sensu**, em virtude de o caráter funcional e estrutural da linguagem se achar melhor caracterizado e mais perfeitamente captável, ensejando técnicas de investigação já hoje bem determinadas e de resultados comprovados.

Entretanto, os conceitos de **estrutura**, **função**, **sistema**, são reconhecidos anàlogamente no âmbito das idéias antropológicas e aceitas não só com respeito à sociedade, à organização e estrutura sociais pròpriamente ditas, mas à cultura mesma, aos elementos e complexos que a integram, ou as instituições, os «modos de conduta estandardizados», que se articulam funcionalmente estabelecendo entre si conexões pragmáticas, e que, pelo fato de serem ativadas, se interatuam quanto a suas finalidades. Essas instituições têm sido mesmo apreciadas no conjunto como estruturas funcionais que se desenvolvem em função de um núcleo central — «o objeto em posição dominante», que «governa, dá nome e caráter ao todo, ao **sistema**» (8) A verdade é que, ao examinar o problema, cabe-nos estabelecer as seguintes conclusões elucidativas: o fato histórico, imprevisível, abruptamente surgido, poderá ocorrer em qualquer sociedade humana; os artefatos, sòciofatos ou mentefatos, isto é, as inovações procedentes daqueles sucessos históricos poderão ser apresentadas a quaisquer sociedades ou agrupamentos humanos; entretanto, o que não se poderá afirmar que ocorra em todos êstes é a aceitação das aludidas inovações e sua incorporação ao quadro cultural preexistente — fator êste das mudanças que tanto interessam ao antropólogo cultural.

Está claro que nas sociedades em crise, em desintegração cultural, ou que em determinado momento histórico não revelam distintamente sistema peculiar de valores culturais ou cosmovisão própria, como as que se acham em certas fases de um processo aculturativo, o acidente histórico poderá suceder e mesmo ser apreendido pelo historiador, mas se a sociedade onde êle ocorreu não se acha em condições de acolher as novas formas culturais dêle decorrentes, por

---

6) GUIZZETTI G. F. — **La Antropologia Cultural como Ciência Unificada frente a la Teoria de los Niveles Culturales**» — Universidad Nacional del Litoral — Santa Fé (Argentina), 1963 — págs. 17-18.

7) COSERIU E. — «**Sincronia, Diacronia e História**» — Montevidéu, 1958 — especialmente as págs. 154-155. V. também «Pour une Sémantique Diachronique Structurale» — Estrasburgo, 1964 — especialmente págs. 150 e segs.

8) NADEL S. F. — Op. cit. — V. o capítulo VI, sôbre as instituições, sua estandardização, sua interação, conteúdos de propósito, etc.

deficiência das condições intrínsecas necessárias à sua captação funcional e/ou formal, êsse acidente histórico jamais fornecerá ao investigador uma perspectiva empírica capaz de merecer o interêsse da sua análise especializada.

Não será demais focarmos o tema, aqui, sob o prisma da seletividade, tomando, pois, em consideração os fatores psicológicos que influem sôbre a aceitação e a rejeição de novos elementos, com os exemplos tão notórios das **reinterpretações** ou **reformulações** culturais e, mesmo a irrupção daqueles movimentos contraculturativos, que visam a restaurar as sanções de modos de vida anteriores aos contactos.

Não nos estenderemos a propósito, pois o que buscamos ressaltar neste trabalho não é, particularmente, o problema da mudança cultural em si, encarada de um restrito ângulo da pesquisa etnológica.

Interessa-nos sobremodo a discriminação dos aspectos históricos com que se apresentarem os fatos em seu encadeamento genético, o seu total processo histórico, distinguindo os que caracterizam a **tendência cultural** daqueles que assinalam o **acidente histórico**, sem, contudo, fugirmos à evidência de que, para o interêsse metodológico, o histórico e o cultural se interrelacionam e não podem ser isolados ou contrapostos na investigação científica.

E só por meio da análise funcional — consoante já referimos — quer no plano sincrônico, quer no da diacronia, encaradas, pois, a cultura e a sociedade de um ponto-de-vista sistemático, lograremos captar e dar relêvo suficiente ao aspecto histórico da dimensão cultural, estudando-a de modo verdadeiramente científico, em tôda a amplitude teórica da sua problemática.

E mais: os problemas que ressaltamos não apenas importam no que concerne à Antropologia teórica. São de magno interêsse para a Antropologia aplicada. Di-lo muito bem um antropólogo dos nossos dias, confessadamente behaviorista: «A inovação para ter êxito exige entre outras coisas uma estrutura social básica em que possa ser enxertada. Significa isto simplesmente que em tôdas as sociedades as instituições tradicionais têm papéis reconhecidos; se fôr possível integrar nestes papéis tradicionais ou associar-lhes novas formas, elas terão melhor possibilidade de ser aceitas do que se não houver nada em que se apoiarem». «O determinado instante em que uma inovação apareça numa situação de mudança terá muito a ver com sua aceitação ou rejeição. O êxito de uma inovação, segundo se observou, depende em grande dose das circunstâncias sustentadoras que possam existir, assim como do reconhecimento pelo povo da necessidade da coisa nova. Mas, num período de rápida mudança, o número e as fôrças dos fatores que favorecerão as probabilidades de aceitação de determinado objeto flutuarão através dos anos. Se a inovação aparecer no momento em que os fatores sustentadores estiverem no «auge» as probabilidades de aceitação serão excelentes. Se aparecer no momento em que êles estejam reduzidos ao mínimo será provável a rejeição. O agente de mudança hábil é aquêle que é capaz de reconhecer quando chegou o momento propício para a fase seguinte do seu programa e que tem paciência para esperar até que chegue êsse momento». E, por fim, resume: «O problema do «ajustamento», estudado cientificamente, mostra que há uma série de fatores que têm contribuído significativamente para a introdução de novas formas de comportamento, fatores êsses que compreendem coisas tais como valores culturais, formas sociais, padrões motores e realidade econômica». (9)

---

9) FOSTER G. M. — **«As Culturas Tradicionais e o Impacto da Tecnologia»** (1.ª edição brasileira) — S. Paulo, maio de 1964 — págs. 150 e segs. (Título do original inglês: **«Traditional Cultures: and the Impact of Technology»**).

De passagem, acentuamos a importância dos resultados a que chegou Barnett, depois das suas pesquisas entre grupos indígenas do Nordeste da Califórnia, encarados sob o aspecto de sua reação em face da influência européia. É digna de ressalto a sua hipótese da «equivalência funcional», segundo a qual as antigas funções podem ser conservadas quando correspondem a formas novas, e cuja ausência provoca a desmoralização do grupo submetido, que não pode resistir à imposição dêsses novos modos pela sociedade dominante. (10)

O problema das interferências culturais, tendo como enfoque analítico as respostas, verbais ou de conduta, às mensagens codificadas, em sua relação com uma escala de valores ou sistema axiológico, visando a atuar pràticamente sôbre o educando, o doente ou o «subdesenvolvido» nos sentidos biocultural e sócio-cultural — eis um dos temas centrais em que se buscará fundamentar todo programa no setor moderno da Antropologia aplicada. (11)

Não podemos fugir a essas considerações que, decerto, não se acham desligadas por completo do nosso assunto primordial, visto que, quando nada no tocante aos receptores, caberá sempre uma perspectiva histórica «acidental» nos casos de inovações imprevistas, mesmo as introduzidas cientificamente, com sentido metacultural, pelos antropólogos.

Sem dúvida, verificam-se ocorrências em que se operam fenômenos tão surpreendentes, como os «deslocamentos brutais do **focus** cultural», que mais devem atrair as atenções do investigador, quando busca compreender a natureza, a razão de ser e a forma que assumem as modificações nos quadros sócio-culturais, tanto progressivas como bruscas.

E devemos também não esquecer aquêles **acidentes históricos** que atuam de modo negativo, determinando a supressão ou eliminação violenta do contexto cultural, de formas de comportamento, modos de vida tradicionais, em certas comunidades ou grupos sociais, particularmente como decorrência da imposição de uma autoridade central, administrativa. Tais fatos costumam acontecer em sociedades coloniais ou outras submetidas à dominação estrangeira. Também nas camadas **folk** têm-se observado tais sucessos, mesmo na época contemporânea, podendo advir a imposição, nesses casos, de ordens emanadas de autoridades da própria administração nacional, regional ou local. Citaremos um exemplo característico. Há alguns anos as autoridades eclesiásticas do Ceará resolveram proibir a realização da Festa dos Caboclos, que, há séculos, vinha efetuando-se na pequena vila de Parangaba, com repercussões na vida social dessa localidade, ou ao menos, de certos setores da mesma. A razão alegada era que na aludida festividade ocorriam aspectos profanos, destoantes do sentido religioso de que se deveria a mesma revestir, ligada, que sempre fôra, desde remotos tempos, a cerimônias efetuadas no interior do próprio templo local.

Essa festa, espécie de «folia», que — segundo se presume — foi organizada inicialmente por missionários lusitanos, na época colonial, com a participação de indígenas e mamelucos, mobiliza as atenções e atividades de um grupo de habitantes da região, durante meses, pois os Caboclos realizam peregrinação pelos povoados e fazendas vizinhos, onde «cantam o têrço» e às vêzes pernoitam,

---

10) BARNETT H. G. — Ap. Herskovits — Op. cit. — cap. cit. — V. também **«Invention and Cultural Change»** — In **«American Anthropologist»** — vol. 44 — n.º 1 — janeiro-março, 1944 — págs. 14-30, e **«Culture Processes»** — **American Anthropologist** — vol. 42 — n.º 1 — págs. 21-48.

11) GUIZZETTI G. F. — **«Nuevos Aportes a la Etnolinguística»** — Separata de **«Anales de Arqueologia e Etnologia»** — Mendoza (Argentina) — Tomo XVI — Ano 1961 — págs. 31-32.

só voltando a Parangaba pelas vésperas do Natal. De regresso, são acolhidos à entrada da vila por centenas de pessoas, que depois enchem literalmente a Praça da Matriz, acompanhando aos protagonistas, que conduzem o estandarte e a corôa do Bom Jesus. Pois bem, a quem se proponha no futuro empreender estudo completo da Festa dos Caboclos o desconhecimento de documentação histórica ou de informes seguros sôbre essa ordem clerical, poderá criar embaraços à investigação, podendo a suspensão forçada da tradicional celebração sugerir ao analista o resultado de um processo lento de desintegração, o manifestar de nova direção imprimida progressivamente a tendências culturais. E, certamente, na perspectiva sincrônica, encontrará êle situações funcionais dificultosas de compreender ou ser explicadas. Com efeito, embora se considere a presença de um **ethos** dominante nas culturas, cumpriria — como faz notar Gorer — levar-se também em conta, nos estudos diacrônicos, as diferentes **ethoses** que concernem aos subgrupos sociais, aos grupos secundários subjacentes, observando-se as variações delas nos diferentes grupos através do tempo, o seu processo de mútua interação, suas relações com o **ethos** dominante, bem assim, as repercussões que elas possam exercer sôbre a sociedade como um todo. O que dificulta essa análise no campo da História decorre especialmente do fato de essas **ethoses** secundárias não disporem, em geral, dos meios de elaboração simbólica, de comunicabilidade, que se verificam em grau mais acentuado em relação ao **ethos**.

A consideração pancrônica do problema exigirá, sem dúvida, o cumprimento de todos êsses difíceis requisitos da análise funcional e histórica, na certeza de que, do ângulo da metodologia da pesquisa, o contraste entre as abordagens sincrônica e diacrônica é relativo: «em uma perspectiva sincrônica certo grau de atenção é dispensado às descrições fornecidas por informantes, de modificações ocorridas desde épocas primitivas, recordadas ou legendárias; e mesmo numa explanação diacrônica ter-se-ia de partir de uma descrição sincrônica». (12)

Em suma, se podemos firmar a compreensão dos contextos sócio-culturais como sistemas, «que mudam como sistemas, ou seja, que se fazem sistemàticamente» — para usar aqui as expressões de um pensador da linguagem — (13) por certo, essa concepção não poderá ser tomada com a rigidez e o grau de infalibilidade que lhe poderiam atribuir certas conceituações deterministas do processo cultural. Destarte, nosso ponto-de-vista a respeito não será o mesmo de um Goldenweiser, por exemplo, que apenas admite o acidente histórico procedente do exterior à sociedade em exame e cuja idéia de sistema, tão bem elaborada racionalmente, não se ajusta de modo pleno à realidade cultural e histórica. Mas, de qualquer sorte, será de importância na investigação averigüar como, até que ponto e em que direções se fazem sentir as rupturas do sistema ocasionadas pelos acidentes históricos determinantes de alterações culturais nas sociedades onde apareceram, bem assim, como estas se reconstituem em seus modos de vida após essas rupturas e como vem a se caracterizar o próprio sistema em sua reelaboração morfo-funcional. Os dados que Ralph Linton apresenta nesse sentido, focalizando as extensas modificações operadas na cultura e na sociedade Tanala, de Madagascar, com a introdução do cultivo do arroz pela irrigação, tomado de empréstimo ao Betsileo, permitem-nos apreciar em sucessivos momentos históricos a maneira pela qual desintegração e reintegração

12) GORER G. — «**Society as viewed by the antropologist**» — In «**The Cultural Approach to History**» — Columbia University Press — Nova York, 1940 — págs. 26, 27 e segs.

13) COSERIU E. — Op. cit. — págs. 154 — V. o capítulo V — «**Sincronia, Diacronia e História**».

se efetuam lado a lado, durante todo o processo da mudança cultural. (14) Os óbices à realização das tarefas segundo essa visão unitária, dinâmica e funcional, das culturas — como antes se referiu — são às vêzes intransponíveis, pois há sociedades acêrca de que nos faltam as «evidências» que são fornecidas pela documentação histórica contemporânea ou os achados arqueológicos. Eis a razão por que tiveram os etnólogos que recorrer a técnicas ou processos para a análise da «distribuição de traços culturais», que lhes daria a probabilidade histórica sôbre os contactos verificados entre culturas sem tradição escrita e, mesmo, embora em plano conjectural ainda menos seguro, a seqüência em que êsses contactos se processaram. Entretanto, contaremos assim — segundo já se esclareceu — apenas com «possibilidades históricas», que não trazem, de ordinário, solução aos problemas do enquadramento funcional e estrutural dos elementos e dos fatos que, dessincronizados, devem adscrever-se a momentos cronológicos e a situações culturais diferentes, para o conhecimento dos quais — está claro — se faz mistér a competente documentação.

Não devemos esquecer aqui o uso do método chamado **etno-histórico**, as pesquisas e técnicas exercidas por um Herskovits, por exemplo, quando trata de elaborar aquela «Escala de intensidade dos africanismos no Novo Mundo», bem assim, os já famosos estudos de Redfield sôbre as variações culturais em quatro comunidades vizinhas, do Yucatan, sem falarmos dos estudos de aculturação, tão em voga, que já se podem basear em documentação histórica, e não sôbre reconstruções hipotéticas. O certo, porém, é que, a propósito do assunto, são dignas de tôda a consideração essas expressões do etnólogo espanhol Caro Baroja: «As críticas de Malinowsky, dirigidas aos que pretendem reconstruir a história das sociedades primitivas sem mais dados que os proporcionados por tais sociedades, são legítimas, mas não há porque estender sua influência a sociedades que contam com um passado cognoscível à luz de fontes numerosas e variadas, e a comparação entre as sociedades passadas e as presentes dentro de uma mesma área pode ser de grande interêsse, inclusive de um ponto-de-vista funcional». (14)

É assim que, de posse de elementos históricos valiosos, contidos em obras fidedignas, como as de Gandavo, Ivo d'Evreux, Knivet, Ruiz de Montoya, Hans Staden, Von den Steinen e outros, pôde o etnólogo Egon Schaden fornecer sólida explicação do processo cultural, através de séculos, dos Guarani ainda existentes no Sul do Brasil.

Depois de fixar o **ethos** dominante nessas sociedades indígenas e mostrar que, em sua cultura, se encontra no sistema religioso a expressão máxima da unidade funcional, o estudioso brasileiro oferece margem a uma perfeita compreensão do emprêgo das técnicas funcionalistas no estudo da cultura em diferentes níveis diacrônicos, examinando assim os modos de vida das sociedades que o ocupam, desde o **acidente histórico** da vinda das missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII até a época contemporânea, marcada pelas conseqüências da mestiçagem e da destribalização. (16) Dêste modo, aprecia, na medida do possível, o **processo** e o **grau** da integração (e da desintegração) sócio-culturais, em fases históricas sucessivas, permitindo que se possa apreender as rupturas do sistema e sua posterior redefinição, como resultado de acontecimentos históricos do gênero dos que ora focalizamos.

---

14) LINTON R. — «**The Study of Man: An Introduction**» — Nova York, 1936 — V. o capítulo sôbre «Integração».

15) BAROJA J. C. — «**Razas Pueblos y Linages**» — Madrid, 1937 — V. especialmente a pág. 22.

16) SCHADEN E. — «**Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**» — S. Paulo, 1962 — **passim**, especialmente págs. 179 e segs.

Vê-se, pois, como se justifica e pode ser útil metodològicamente o emprêgo de conceitos como os de **acidente histórico** e **tendência cultural**, sem embargo das implicações semânticas que possa a primeira dessas expressões apresentar com outras, a exemplo de **difusão**, **empréstimo**, **invenção**, **descoberta**, **contacto cultural**, que são, aliás, mais correntes nos estudos da dinâmica, em nosso setor científico. Entretanto, segundo já indicamos, campos de interêsse distintos devem abranger na investigação os conteúdos significativos dos dois grupos aludidos de conceitos, pois, decerto, não foram elaborados na mesma esfera do pensamento doutrinário, dentro da mesma classe epistêmica de objetos-temas, reconhecidos na problemática antropológica.

Com efeito, percebe-se uma referência mais essencial à **temporalidade** na conotação oferecida pelas expressões **acidente histórico** e **tendência cultural**, do que na respeitante àquelas outras, que parecem mentar precìpuamente fenômenos, objetos e atos, cumpridos ou em realização, no âmbito extenso da cultura.

Sob um critério lógico, os conceitos que aqui centralizam as nossas atenções se justificam plenamente, dado que, em última análise, êles implicam, no estudo antropológico, o reconhecimento da peculiar historicidade da cultura e do homem que, afinal de contas, é o criador daquela. E implicam, no campo teorético, a compreensão de que **determinismo** e **indeterminismo** não são concepções que se excluam mùtuamente, quando se trata de examinar o processo cultural, histórico, que — no dizer de Bidney — «nem é uma relação de acontecimentos únicos e incoerentes, sem ritmo, nem é uma seqüência de formas rìgidamente determinada», podendo a cultura ser olhada «como uma expressão da liberdade humana de criatividade, ainda que sujeita às limitações da natureza». (17)

---

17) BIDNEY D. — Op. cit. — págs. 283 e 284.